**FUNDAMENTALISMO RELIGIOSO EM TEMPOS DE PANDEMIA DO COVID-19**

***Vitalino Piaia***[[1]](#footnote-1)

**RESUMO**

O fundamentalismo religioso, durante a pandemia do COVID-19, influenciou negativamente boa parte da população, pondo em dúvida valores democráticos e científicos. Uma parte dos conservadores religiosos e parcela de parlamentares, são fundamentalistas e negacionistas em graus diferentes, com o mesmo projeto ideológico. Mulheres e homens públicos, membros de instituições religiosas e parcela da população dissemina e vive esse *modus operandi*. A humanidade passou por várias pandemias e o fundamentalismo religioso esteve presente, atribuindo a manifestação da ira de Deus pelo mau comportamento das pessoas e pecados cometidos. Investigar a posição das lideranças religiosas fundamentalistas e negacionistas e suas estratégias de convencimento, foi o objetivo deste trabalho. Compreender e conviver com o diferente, exigirá que busquemos, no âmago de nós mesmos, o sopro renovador, para o bem viver. Diante disso, somos convidados a conjugar e viver os verbos pazear e esperançar.

**Palavras-Chave**: Fundamentalismo religioso; Covid-19; Religião; Política; Esperança.

**1 Introdução**

A pandemia de COVID-19, que assolou o mundo a partir de 2019, trouxe desafios sem precedentes para as sociedades contemporâneas, exigindo mudanças significativas tanto na esfera pública quanto na privada. Em meio a essa crise global, a interação entre religião, política e ciência tornou-se um tema central, especialmente no Brasil, onde o fundamentalismo religioso exerceu uma influência notável na percepção e nas respostas à pandemia. Neste contexto, a presente pesquisa buscou explorar a relação entre o fundamentalismo religioso e as atitudes negacionistas em relação à COVID-19, com especial atenção à forma como líderes religiosos fundamentalistas influenciaram uma parcela significativa da população e impactaram as políticas públicas e sanitárias.

O principal objetivo deste trabalho foi investigar como as lideranças religiosas e parlamentares fundamentalistas moldaram as atitudes da população em relação à pandemia, promovendo visões negacionistas que desafiaram as orientações científicas. Especificamente, o estudo analisou as estratégias de convencimento empregadas por esses líderes para compreender o impacto dessas práticas na disseminação de comportamentos de risco durante a crise sanitária.

Para alcançar esses objetivos, a pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, com base em revisão bibliográfica de fontes acadêmicas, relatórios e documentos que tratam da interação entre religião, política e saúde pública durante a pandemia. Foram analisadas as posições de diversas lideranças religiosas e as implicações dessas posições para a condução das políticas públicas de saúde no Brasil. A pesquisa também considerou as respostas do público-alvo às mensagens transmitidas por essas lideranças, utilizando estudos de caso para ilustrar as consequências dessas práticas.

A estrutura deste trabalho está assim organizada: inicialmente, o referencial teórico será abordado, definindo e contextualizando o conceito de fundamentalismo religioso e sua aplicação no contexto brasileiro. Em seguida, a pesquisa analisará a relação entre o fundamentalismo religioso e as atitudes negacionistas frente à pandemia, culminando em uma discussão sobre as implicações sociais e políticas dessa interação. Finalmente, as considerações finais sumarizarão os principais achados e refletirão sobre os desafios futuros para a convivência democrática em um cenário de crescente influência religiosa na política.

**2 Fundamentação teórica**

O termo fundamentalismo foi utilizado por defensores de certos credos teológicos na comunidade protestante dos Estados Unidos no início do século XX (ARMSTRONG, 2009). Fundamentalistas acreditam na verdade absoluta de seus dogmas e buscam retornar aos princípios considerados fundamentais de seus grupos. O termo também passou a descrever uma crença irracional e exagerada em outras áreas, como na Economia, com o "fundamentalismo de livre mercado" (ELLER, 2018).

No islamismo, refere-se à ideologia política e religiosa que busca controlar o Estado, rompendo com o paradigma laico. No cristianismo, surgiu como uma reação ao modernismo, reafirmando doutrinas como a inerrância bíblica e o retorno de Cristo. No Judaísmo, grupos como os Hared se consideram os "verdadeiros judeus da Torah" e são vistos como fundamentalistas (ARMSTRONG, 2009). Essas religiões, e tantas outras, os meios de comunicação nas mãos de fundamentalistas radicais têm sido usados para desinformar e promover ideologias contrárias aos valores científicos e democráticos.

Para haver diálogo e convivência pacífica, faz-se necessária abertura do coração, da mente e do espírito. Esses valores não constam no dicionário dos fundamentalistas.

O fundamentalista está convencido de que a sua verdade é a única, e que todos os demais ou são desviantes, ou fora da verdade. Isso é recorrente nos programas televisivos das várias igrejas pentecostais, incluindo setores da Igreja Católica. Mas também no pensamento único de setores políticos. Pensam que só a verdade tem direito, a deles. O erro deve ser combatido. Eis a origem dos conflitos religiosos e políticos. O fascismo começa com esse modo fechado de ver as coisas (BOFF, 2016, p. 1)

Observando os programas televisivos das várias igrejas pentecostais, incluindo setores da Igreja Católica, as pregações fundamentalistas, ainda ocorrem com frequência. O mesmo ocorre entre os parlamentares que comungam das mesmas convicções.

No Brasil, o ex-mandatário do poder executivo federal congregou muitos líderes religiosos e grupos de viés conservador numa força fundamentalista e negacionista. Nega-se os valores e princípios éticos, construídos ao longo da história. As conquistas sociais que beneficiam os excluídos, foram soterradas por uma avalanche ideológica conservadora e comprometida com o grande capital. Tanto nas pandemias do passado como na recente pandemia do COVID-19, nas posturas frente às mesmas, praticamente se confundem com as mesmas práticas,

[...] tanto no pensamento hebraico como no grego, as epidemias estavam duplamente relacionadas às causas naturais e religiosas. Era, por um lado, castigo dos deuses e, por outro, podia ser observada, analisada e evitada com medidas humanas. A degradação moral da sociedade era considerada a causa e consequência das epidemias, causadas como castigos dos deuses e que, por sua vez, levavam a humanidade a gestos degradantes. Essas abordagens concomitantes - mítico-religiosa e científica - estarão presentes na compreensão das epidemias que vão ocorrer ao longo da história. Curiosamente, mesmo com o advento das ciências biológicas, há lideranças religiosas que continuam apelando para causas espirituais ao explicar eventos como a SIDA e a COVID-19 (SANCHES; LOVO; SANCHES, 2020, p. 143).

O fundamentalismo tem um modo próprio de ver e de se posicionar diante dos acontecimentos do mundo e da vida em sociedade. Com um forte tom de arrogância, defendem que o seu modo de ser, suas ideias, religião e forma de governo são as melhores e as únicas válidas. O poder Executivo Federal se apoiou em alguns líderes religiosos, com seus fiéis seguidores. Contudo,

[...] não há nenhum movimento no sentido de fiscalizar as atividades das igrejas evangélicas, de fiscalizar as movimentações financeiras das igrejas, de fiscalizar os amplos repasses de dinheiro para empresas, de restringir a atuação das igrejas nos meios de comunicação, de restringir a atuação de líderes evangélicos na política e de impedir que partidos políticos sejam controlados por igrejas evangélicas. (FIOROTTI, 2020, p. 1).

Porém, não se pode generalizar, pois há líderes religiosos comprometidos com a inclusão de todos e com a democracia. Vivenciamos, na atualidade, as conquistas democráticas, a liberdade de expressão e de imprensa, direitos civis e institucionais garantidos pela Carta Magna Brasileira, frutos de muitas reflexões e lutas.

Em contrapartida, não há restrições para a atuação de líderes religiosos na política e de impedir que partidos políticos sejam controlados por igrejas fundamentalistas. Isso não é cabível em um país laico, porém, muitos políticos se utilizam da religião para ampliar sua base eleitoral. Há religiosos que se aproximam dos políticos por conta dos interesses das suas igrejas. Nota-se que o fenômeno religioso, fundamentalista, tem a capacidade de aglutinar ao seu redor uma quantidade de instituições, líderes religiosos e fiéis leigos em defesa de seus ideais e projetos expansionistas religiosos e políticos.

**3 Metodologia**

A presente pesquisa buscou explorar a relação entre o fundamentalismo religioso e as atitudes negacionistas em relação à COVID-19 e identificar as pandemias que ocorreram na história, analisando suas origens e tratamentos, bem como o negacionismo presente em cada uma delas. Desde a descoberta do COVID-19, instalou-se uma polêmica sobre a sua origem. Embora a ciência tenha feito grandes descobertas e a criação de várias vacinas, persistem os questionamentos. Como surgiu o vírus que gerou uma pandemia?

A epidemia começou na cidade de Wuhan, na China, em dezembro de 2019, mas rapidamente se espalhou para o mundo. As principais teorias levantadas incluíam o contato entre um ser humano com um animal infectado e um acidente em um laboratório na China. [...] O relatório ainda afirmou que a passagem do vírus para humanos por meio de produtos alimentícios é possível, porém uma hipótese remota. Já a possibilidade de o vírus ter escapado acidentalmente do Instituto de Virologia de Wuhan foi classificada como “extremamente improvável” (BUTANTAN, 2021, p. 1).

As incertezas sobre as origens da COVID-19 alimentaram especulações dos fundamentalistas, desafiando a ciência e as instituições democráticas. O fundamentalismo tem ganhado força, manifestando-se em todas as esferas da sociedade, inclusive nas instituições religiosas. Embora a Constituição Federal proíba o apoio estatal a cultos religiosos, na prática, houve favorecimento aos que compartilhavam as ideologias dos governantes da época, resultando em divisões familiares e comunitárias e na propagação da cultura do ódio.

Líderes religiosos influentes disseminaram desconfiança e desinformação, transformando pregações em discursos categóricos que promovem o negacionismo e a promoção de "curas milagrosas" sem base científica e a rejeição às orientações da OMS, intensificando a polarização entre razão e fé. Exemplos incluem o comércio de "sementes milagrosas" e a negação da eficácia das vacinas (OLIVEIRA, 2021; MACIEL; DIP; RIBEIRO, 2020).

Apesar das orientações para evitar aglomerações, líderes de megaigrejas continuaram a pregar abertamente o negacionismo, justificando interesses escusos em nome de Deus e alinhando-se ao governo federal em um projeto ideológico comum. Esse movimento foi sustentado por grupos financeiramente poderosos, enquanto grande parte da população, por desinformação ou influência de líderes religiosos e políticos, seguiu esse viés ideológico.

Apesar da forte onda negacionista, a grande maioria da população aceitou e incentivou a vacina, como um grande meio para coibir a transmissão do vírus. Por sua vez, muitas empresas adotaram medidas de incentivo à vacinação, ou seja, exigiram o passaporte vacinal de seus funcionários.

O futuro das pessoas que não quiserem tomar a vacina tende a ser cheio de restrições, como já acontece em muitos países com a campanha mais adiantada. Uma das repercussões mais esperadas do avanço da vacinação contra a covid-19 começa a tomar forma no Brasil e no mundo: governos e empresas estão anunciando regras para desencorajar a recusa aos imunizantes. Entre as políticas mais comuns, destaca-se a criação dos chamados passaportes da imunidade. A proposta é que, para entrar em lugares de convivência com outras pessoas, será exigido um documento (físico ou digital) que comprove a aplicação das doses que resguardam contra o coronavírus (BIERNATH, 2021, p. 1)

Diante de tal situação, empresas, amparadas por lei, tomaram medidas contra os trabalhadores que se recusarem a receber o imunizante, demitindo-os por justa causa. A partir do momento em que o direito individual prejudica o coletivo, tornando-se uma ameaça à população, no caso, à saúde, é dever e compromisso de se proteger, mesmo não concordando com as orientações. As atitudes individuais não devem se sobrepor à coletividade, em casos de catástrofes, calamidades e pandemias.

Em tempos de guerras de narrativas, a verdade tem se tornado cada vez mais líquida, isto é, aquilo que é massivamente compartilhado, ainda que falso, se torna uma verdade. Por isso, no meio de tantas informações, corremos o risco de ser intoxicados por notícias falsas. Nesse passo, em um país religioso como o Brasil, se faz necessário levantar um debate sobre a responsabilidade que as denominações religiosas e suas lideranças desempenham em uma sociedade que passa por uma crise sanitária e econômica sem precedentes na história (LUZ; SIMON, 2020, p. 2)

Quando nos referimos ao fenômeno religioso, não podemos qualificá-lo como sendo de tudo aceitável, bonito e digno de admiração. Devemos analisar de que forma as manifestações religiosas favorecem a vida, a democracia, o direito à dignidade e a equidade das pessoas. Não se pode afirmar que tudo o que pertence a uma cultura ou crença deva ser visto como virtude e valor que mereça divulgação. A criticidade, frente ao fenômeno religioso, é premente.

**4 Resultado e discussão**

Uma das maneiras de enfrentar o fundamentalismo, segundo Leonardo Boff (2016), é resgatar o conceito positivo do relativismo, que reconhece a diversidade e a pluralidade, assim como na culinária, onde o objetivo comum é a alimentação, independentemente das variações culturais. A orientação dos fiéis e da população em geral, com apoio da ciência, é essencial para combater tanto os vírus pandêmicos quanto os ideológicos.

A intolerância tem se espalhado, transformando discordantes em inimigos e alimentando o ódio. Discutir sem perder o controle tornou-se raro, e os "gatilhos" pessoais são os combustíveis das grandes brigas, especialmente nas redes sociais (FALCÃO FILHO, 2021).

Conjugar os verbos "esperançar" e "pazear" é essencial para promover a convivência com a diversidade, transcendendo partidos, religiões e crenças. A esperança é que um dia, a sociedade possa celebrar a verdadeira união dos povos, comprometida com a vida e a paz.

Diante das adversidades, a resistência é crucial para frear o retrocesso. A luta por direitos, dignidade e equidade, especialmente entre as populações marginalizadas deve continuar inspirando-se em líderes como Gandhi para promover uma revolução pacífica.

**5 Considerações Finais**

O presente trabalho destacou o impacto do fundamentalismo religioso durante a pandemia de COVID-19, evidenciando como essa ideologia ultrapassou os limites dos templos e influenciou significativamente o sistema político brasileiro. As principais conclusões apontam que o fundamentalismo religioso, ao negar a ciência e propagar desinformação, contribuiu para a divisão social, dificultando a adesão a medidas de saúde pública e exacerbando o ambiente de polarização e intolerância.

Adicionalmente, observou-se que líderes religiosos fundamentalistas utilizaram seus discursos para promover ideologias contrárias aos princípios democráticos e científicos, resultando em um aumento do negacionismo e em atitudes de desrespeito às orientações sanitárias. Esse comportamento não só agravou a crise de saúde pública, como também reforçou a cultura do ódio e da desconfiança em diversos setores da sociedade.

Conclui-se que a superação dessas barreiras exige um esforço coletivo de conscientização e organização social, voltado para a promoção de um diálogo inclusivo e democrático. É imperativo que as instituições e a sociedade civil atuem de maneira coordenada para resistir às influências negativas do fundamentalismo religioso e garantir que a ciência e os direitos humanos prevaleçam em tempos de crise.

**REFERÊNCIAS**

ARMSTRONG, K. *Em nome de Deus: o fundamentalismo no judaísmo, no cristianismo e no islamismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

BIERNATH, A. *Covid-19: Como pode ser o futuro de quem decidir rejeitar a vacina?* BBC News Brasil, São Paulo: 31 agosto 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/geral-58389611>. Acesso em: 8 dez. 2021.

BOFF, L. *Como enfrentar o fundamentalismo.* Brasil de fato. São Paulo: 24 de agosto de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/08/24/leonardo-boff-como-enfrentar-o-fundamentalismo>. Acesso em: 8 dez. 2021.

BUTANTAN. *Como surgiu o novo coronavírus? Conheça as teorias mais aceitas sobre sua origem.* Disponível em: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/como-surgiu-o-novo-coronavirus-conheca-as-teorias-mais-aceitas-sobre-sua-origem>. Acesso em: 8 dez. 2021.

ELLER, J. D. *Introdução à antropologia da religião.* Petrópolis: Vozes, 2018.

FALCÃO FILHO, A. *A diferença entre discordante, adversário e inimigo.* Exame, São Paulo: 29 de janeiro de 2021. Disponível em: <https://exame.com/blog/money-report-aluizio-falcao-filho/a-diferenca-entre-discordante-adversario-e-inimigo/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

FIOROTTI, S. *Liberdade religiosa dos evangélicos em tempos de pandemia.* A pátria. Madeira, 23 de março de 2020. Disponível em: <https://apatria.org/politica/liberdade-religiosa-dos-evangelicos-em-tempos-de-pandemia/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

FRANCISCO. *Carta encíclica Fratelli Tutti do santo padre Francisco sobre a fraternidade e a amizade social.* Roma: Libreria Editrice Vaticana, 2020. Disponível em: <https://www.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20201003_enciclica-fratelli-tutti.pdf>. Acesso em: 8 dez. 2021.

LUZ, A. R.; SIMON, P. H. G. Ay. M*. O fundamentalismo cristão frente à pandemia de COVID-19.* COMBATE - Racismo ambiental. São Paulo: 19 de maio de 2020. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2020/05/19/o-fundamentalismo-cristao-frente-a-pandemia-de-covid-19/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MACIEL, A.; DIP, A.; RIBEIRO, R. *Megaigrejas continuam abertas e dizem que fé cura coronavírus*. Observatório da Laicidade na Educação, Rio de Janeiro: 19 de março de 2020. Disponível em: <http://ole.uff.br/2020/05/08/especial-coronavirus-megaigrejas-continuam-abertas-e-dizem-que-fe-cura-coronavirus/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

MONTEIRO, P. *De onde vem o slogan Brasil acima de tudo.* Hora Extra, Goiânia, 2018. Disponível em: <https://jornalhoraextra.com.br/coluna/de-onde-vem-o-slogan-brasil-acima-de-tudo/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

OLIVEIRA, M*. Conselheiro de Bolsonaro, Silas Malafaia diz que “ideologizaram a pandemia”.* Congresso em Foco, 22 de maio de 2021. Disponível em: <https://congressoemfoco.uol.com.br/area/governo/conselheiro-de-bolsonaro-silas-malafaia-diz-que-ideologizaram-a-pandemia/>. Acesso em: 8 dez. 2021.

SANCHES, M. A.; LOVO, O. A.; SANCHES, L. da C*. Religião e epidemias na história: do essencial ao perverso.* REVER, São Paulo, v. 20, n. 2, p. 139-152, mai/ago 2020.

1. Mestrando em Educação pela Uninq University. Professor de Educação Básica do Estado de Santa Catarina e do Município de Chapecó, SC.

Especialização em Ciências da Religião pelo Centro Universitário Cidade Verde - UniCV

Especialização em Filosofia pelo Centro Universitário Cidade Verde - UniCV

Especialização em Sociologia pelo Centro Universitário Cidade Verde - UniCV

Especialização em História pelo Centro Universitário Cidade Verde - UniCV

Especialização em Geografia pelo Centro Universitário Cidade Verde – UniCV

Especialização em Liturgia pelo Centro Universitário Salesiano – UNISAL

Graduação em Teologia pelo Instituto Teológico Franciscano - ITF

Graduação em Pedagogia pela Universidade São Francisco – USF. Contato: vitalinopiaia@uol.com.br [↑](#footnote-ref-1)